

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Estação
das Letras
e Cores

Utopia, distopia e possíveis caminhos

Daniela Osvald Ramos

No início, era o bit. Acompanhei de perto o surgimento e a consolidação da internet no Brasil desde seus primórdios, em 1995, ainda no meio da graduação em Jornalismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Naqueles anos da última década do século XX, a internet era um campo promissor para o trabalho de jornalistas que se aventurassem a aprender HTML (Hyper Text Markup Language), pois a publicação de páginas na World Wide Web (WWW) era feita então “na unha”, como falávamos, pois não existiam ainda os publicadores automáticos, com interface amigável, que surgiram anos depois mudando definitivamente o ecossistema midiático contemporâneo, ao facilitarem a publicação e a produção midiática de um indivíduo para muitos.

Minha entrada no mercado jornalístico coincidiu com a tarefa de trabalhar na primeira versão do então site (mais tarde, “portal”) do jornal *Zero Hora*, ainda como estudante, em 1996, o que me proporcionou muito cedo na história da internet no Brasil a visão do *backend*, termo técnico da área para designar o que está por trás de qualquer publicação digital e que vem antes do que está no *frontend*, ou seja, na sua parte visível, gráfica. Esta experiência, aliada ao privilégio de, na época, não precisar pagar provedor de internet para navegar

mais de oito horas por dia na rede, proporcionando uma imersão na então ainda nova mídia, moldaram minha visão do que seria depois um percurso acadêmico. Antes disso, em busca de estar no centro de mais oportunidades de trabalho na área, deixei meu estado natal para trabalhar na Editora Abril, em São Paulo, empresa na qual participei das primeiras versões das revistas digitais *Claudia*, *Elle*, *Arquitetura & Construção*, *Playboy*, entre outras.

Durante este período, renasceu o desejo pelo ambiente no qual me sentia em casa – a Universidade. E assim conheci a Escola de Comunicações e Artes, onde ingressei como mestrandia neste Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, em 1998. No início, envolvida pela imersão diária na rede, me inquietei em saber se existia arte digital, se era possível fazer arte com bits. No entanto, mudei meu projeto para estudar a nascente mediação on-line do que viria a ser, a partir da segunda década do século XXI, um novo fenômeno midiático: a astrologia, hoje assunto que vai do Instagram aos podcasts, objeto de intenso consumo e de produção midiática, conforme a internet foi se desenvolvendo. De 1999 a 2002, meu período de formação, aprendi os procedimentos da pesquisa científica, na orientação rigorosa da então professora deste PPGCOM, Prof^a Dr^a Maria Cristina Castilho Costa, e trabalhei com autores clássicos da mediação, como José Martín Barbero, para entender como o, até então, necessário contato humano na interpretação de um mapa astral passaria por uma mediação tecnológica e seria entregue através de computadores. Uma das conclusões da pesquisa, realizada também com uma parte empírica, de campo, através de um *survey* que, em 2001, resultou em mais de 300 respostas sobre o consumo do objeto de pesquisa nas redes, ajudou a entendermos que, em um futuro, naquele momento ainda distante, o contato humano seria um luxo.

Chegamos em 2020 e, com a pandemia de covid-19 e o necessário isolamento social para conter a escalada de contaminação e morte dezoito anos depois, a conclusão daquela pesquisa seria comprovada na prática: sim, o contato humano é cada vez mais raro, pois a mediação tecnológica chegou a um nível sem volta. No atual cenário da extração de dados e, conseqüentemente, de metadados de toda

ordem, a partir da atividade humana e das mediações tecnológicas (muitas vezes esquecemos que o denominado *Big Data* vem de humanos), só poderemos ser atendidos por humanos se pagarmos por isso em várias áreas, como saúde, bancos, economia e seus produtos derivados, segurança pública, educação, e outras esferas de convívio humano, esse mesmo convívio que foi totalmente mediado tecnologicamente nos últimos dois anos.

Cursei e defendi o mestrado trabalhando no mercado jornalístico e, então, migrei para a sala de aula em universidades particulares, adquirindo experiência na docência do que era a então nascente área do “jornalismo on-line”. Depois de seis anos, tive novo ingresso, agora no doutorado, sob orientação da Prof^a Dr^a Elizabeth Saad, para pesquisar sobre linguagens digitais. Os anos de imersão na internet, a inquietação sobre arte e tecnologia e a experiência no mercado de trabalho me direcionaram a pesquisar se afinal existe uma linguagem própria para a internet. O meio é a mensagem? Marshal McLuhan foi um dos que inspiraram esta jornada, ao lado da abordagem teórica, solidificada em dois anos de cursos com a Prof^a Dr^a Irene Machado, sobre semiótica da cultura na abordagem do semioticista Iuri Lotman. Sim, o meio compõe a mensagem, e a natureza da comunicação no ambiente do zero e 1 (a fonte do *backend*) é de síntese, pois o que vemos e interagimos no *frontend* se dá a conhecer pela síntese numérica. A linguagem digital é estruturada pelo formato, que por sua vez foi forjado como estruturante das linguagens das profissões clássicas no campo da comunicação. No Jornalismo, as disciplinas de Rádio, TV e Impresso historicamente são ensinadas pelo formato: revista, jornal, programa de rádio, programa de TV, que por sua vez se desenvolvem dentro de um formato a ser repetido de maneira a direcionar as linguagens adotadas em cada meio.

O mercado jornalístico se apropriou da internet a partir da metáfora do impresso, os sites tem “páginas” (embora saibamos que não são páginas), porém o hiperlink e a convergência de linguagens ofereceram um universo que não foi totalmente explorado por diversas razões, entre elas a questão da autoria. O que se consolidou foi o formato multimídia, por vezes *long-form* (formato longo), como o realizado com sucesso

atualmente pelo UOL Tab (<https://tab.uol.com.br/>) e incorporado à rotina jornalística de algumas empresas. Minha pesquisa de campo envolveu o jornal argentino *El Clarín*, que tinha uma redação multimídia, assim como os espanhóis *El País* e *El Mundo*. A pesquisa resultou na tese “Formato: condição para a escrita do jornalismo digital de bases de dados. Uma contribuição da semiótica da cultura” (2011) e, posteriormente, na publicação do livro *A expansão do jornalismo para o ambiente numérico*, em 2016. “Ontologia do espaço numérico: investigação preliminar a partir do diagrama”, capítulo de livro publicado também em 2016, é um desdobramento da pesquisa em linguagens digitais a partir da noção do diagrama de Charles Sanders Peirce e que balizou também minha pesquisa inicial quando ingressei como docente no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, em 2013.

Em 2013, ainda éramos utópicos em relação aos usos da internet, mas essa percepção começava a mudar. Foi um período de pesquisa sobre a sustentabilidade dos arranjos alternativos nas iniciativas de jornalismo independente na América Latina, com publicação de artigos e apresentação em congressos, alguns em parceria com a Prof^a Dr^a Egle Muller Spinelli, do PPGCOM da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), linha do tempo que apresentamos, em 30 de setembro de 2022, na série “PPGCOM Encontra com... ESPM: 15 anos de parceria científica”, e disponível no canal oficial da ECA na plataforma do YouTube.

Nos anos seguintes, e com minha colaboração para trabalhar com as mídias sociais e website do Núcleo de Estudos da Violência (NEV), de 2015 a 2017, migrei do campo de pesquisa sobre as linguagens e sua produção para a prática de sua aplicação. Durante aqueles anos, fizemos no NEV um aplicativo beta com o Banco de Dados da Imprensa do Núcleo que oferecia um ambiente de contexto, para entender a linha do tempo de coberturas jornalísticas a partir de um acervo de reportagens sobre segurança pública e violência, coletadas dos jornais a partir dos anos 1980 até o início dos anos 2000. Também firmamos colaboração com o Centro de Ciências Matemáticas Aplicadas à Indústria (CeMEAI), da USP-São Carlos, parceria que segue

até hoje, com o portal G1 e Fórum Brasileiro de Segurança Pública na construção do Monitor da Violência (<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>). No contato com o dia a dia do NEV e seus pesquisadores, em 2017, cursei a disciplina Sociologia da Violência, optativa do curso de graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), ministrada então pelo Prof. Dr. Sérgio Adorno. A partir de então, minha pesquisa passou por um *plot twist*, para usar um termo em voga, que é uma mudança repentina em uma narrativa, e parti para a investigação sobre violências digitais. Nesse sentido, apresentei no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) naquele mesmo ano, o artigo “A violência a partir do número e suas modelizações: mapeamento inicial”, com abordagem teórica da semiótica da cultura, e no XVI Congresso Ibero-Americano de Investigadores em Comunicação, Comunicación, Violencias y Transiciones, 2019 (Ibercom), os resultados de uma pesquisa pontual nomeada “Tipologia das violências nas bases de dados”, sobre tipos de violência digital a partir de coletas no Google com palavras-chave, para entender quais tipos de violência digital eram reportadas pelo noticiário e sua incidência. Ainda, em 2017, outro *plot twist*, quando saí do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA para atuar no curso de licenciatura em Educomunicação do Departamento de Comunicações e Artes.

A guinada para a intersecção entre violência e o campo da comunicação estava dada e, em 2019, apresentei no 8º Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação, promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a comunicação “*Digital violence agaisnt journalists in Brazil in the fragmented public sphere*”. 2019 foi o pico de relatos de violência contra jornalistas que atingiu os grandes veículos produtores de notícias no país e, em conjunto com a Profª Drª Elizabeth Saad, apresentamos, na 5º Annual Conference on the Safety of Journalists o artigo “*Reports of violence to Brazilian journalists and its mediation by algorithms: cases form the 2018 Presidential Elections*”. O processo distópico na comunicação mediada pela internet estava em franca ascensão e firmamos uma parceria, nos anos seguintes, com a Oslo

Metropolitan University (OsloMet), em participações contínuas na conferência anual sobre segurança de jornalistas, mas também para além, com a aprovação do projeto “*Safety Matters: research and education on the Safety of Journalists*”, financiado pelo Research Council of Norway para educação de alunos de doutorado do Brasil, Noruega, Estados Unidos e África do Sul, no qual atuo como coordenadora, e como professora no mês de outubro, por uma semana, na OsloMet.

Com a definitiva entrada do tema da violência contra jornalistas no meu universo de pesquisa desde 2019, fiz duas participações (2020 e 2022) na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), no grupo de trabalho de Jornalismo, com o desenvolvimento de pesquisa sobre o tema violência cultural contra jornalistas. Como o processo de publicação de artigo científico em revistas qualificadas tem um ciclo longo, de erros, acertos e esperas, felizmente em breve essas pesquisas serão publicadas. Em 2022, publiquei, como resultado de pesquisa realizada em 2019 e 2020, o relato “Circulação de golpes no WhatsApp entre jovens universitários e o papel da literacia digital na prevenção de *phishing*”. Aqui, os golpes aparecem como violência comunicacional, pois atingem a capacidade cognitiva de um amplo espectro de pessoas nas suas competências em consumir conteúdo sem serem alvos de crimes.

Minha colaboração como professora neste programa iniciou-se em 2018, com a disciplina “Número e Algoritmo nas Interfaces Sociais da Comunicação”, na qual abordo a discussão sobre como o algoritmo, enquanto componente técnico indissociável da sociedade contemporânea. No artigo “Normatividade algorítmica e o consumo midiático no YouTube por jovens universitários” discuti alguns dos aspectos abordados em sala de aula sobre a implicação da normatividade algorítmica no universo da produção e consumo midiáticos. Em 2019, com a Prof^a Dr^a Elizabeth Saad, oferecemos pontualmente a disciplina “O Lugar da Comunicação na Sociedade Digital: uma Introdução ao Pensamento de Yuval Noah Harari e Byung-Chul Han”, na qual fui a responsável pelo debate sobre Han, a partir do qual podemos denominar a “violência da positividade”, ou seja, a violência decorrente da positivação do sistema informático que sobrecarrega

a capacidade humana, gerando por exemplo o *burnout*, um estado de exaustão. Depois, no segundo semestre de 2021, em uma reunião de professores desse programa, colaborei no curso “Métodos e técnicas aplicadas à pesquisa em Comunicação”, especialmente em duas aulas nas quais fiz um panorama sobre as possibilidades de técnicas de coleta em Big Data, mas também sobre um universo que ainda precisa ser objeto de mais pesquisas no campo da comunicação – a *deep web*, ou web profunda, que está abaixo da superfície do consumo de conteúdos na internet comercial e nas plataformas em geral. Em 2021, fui credenciada como professora orientadora na linha de pesquisa “Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos” e, atualmente, trabalho com dois orientandos de mestrado iniciando a jornada formal como parte deste corpo docente pelo qual também fui formada.

Em 2022, outra colaboração com a Prof^a Dr^a Elizabeth Saad em disciplinas do programa, com o curso de quatro semanas “Novos paradigmas para dimensões de violência no campo da Comunicação: assédios e ameaças aos jornalistas e comunicadores”, no escopo do projeto Safety Matters, e, também, com vistas à preparação para ampliar a presença da discussão da infelizmente ubiquidade da violência na tecnologia e nos processos de produção e consumo midiáticos.

Desde 2007, atuo com uma intensa colaboração científica no grupo COM+ – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Jornalismo e Mídias Digitais, com uma passagem de 2011 a 2013 e outra de 2017 a 2019, do grupo Semiótica da Comunicação, e, em 2022, passei a liderar o grupo OBCOM – Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura, que lançará, em novembro de 2022, uma ferramenta de cruzamento de dados tendo como base a série histórica de relatórios sobre violência contra jornalistas e comunicadores da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

Uma possível síntese entre a utopia do início da internet, quando achávamos que viveríamos na era da democracia da informação, para a distopia da desinformação em rede e de ameaças várias, inclusive criminosas, no consumo de conteúdos platformizados, pode ser o caminho entre as binariedades. O “caminho entre” dá a ver fendas, a

partir das quais trilhamos o campo do conhecimento, da prática e ética da pesquisa científica, e que permitem a construção de algo da ordem da terceiridade, do símbolo, e de uma compreensão que vá além dos polos zero e 1.

Referências

- RAMOS, D. O. **Formato**: condição para a escrita do jornalismo digital de bases de dados. Uma contribuição da semiótica da cultura. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- RAMOS, D. O. **A expansão do jornalismo para o ambiente numérico**. Curitiba: Appris, 2016.
- RAMOS, D. O. Ontologia do espaço numérico: investigação preliminar a partir do diagrama. *In*: MACHADO, Irene (Org.). **Diagramas**: explorações no pensamento-signo dos espaços culturais. São Paulo: Alameda, 2016.
- RAMOS, D. O. A fragmentação da esfera pública e sua mediação pelo algoritmo: discurso de ódio, violência da positividade e novas literacias. *In*: SAAD, Elizabeth (Org.). **Caminhos da comunicação**: tendências e reflexões sobre o digital. 1. ed. v. 1. Curitiba: Appris, 2020. p. 63-79.
- RAMOS, D. O. Tipologia das violências nas bases de dados. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGADORES EM COMUNICAÇÃO, XVI, 2021, Bogotá. **Anais [...]**. Comunicación, Violencias y Transiciones, 2019, Bogotá. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2021. v. 1. p. 2-3885.
- RAMOS, D. O. A violência a partir do número e suas modelizações: mapeamento inicial. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.
- SPINELLI, E. M.; RAMOS, D. O. Normatividade algorítmica e o consumo midiático no YouTube por jovens universitários. **Revista Fronteiras**, v. 23, p. 80-88, 2021.
- RAMOS, D. O.; SPINELLI, E. M. (2022). Circulação de golpes no WhatsApp entre jovens universitários e o papel da literacia digital na prevenção de phishing. **Cambiasu: Estudos em Comunicação**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 47-62. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2176-5111v17n29.2022.10>.